



A AVALIAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E A AVALIAÇÃO NA INSTITUIÇÃO: MOVIMENTOS DIDÁTICOS PEDAGÓGICOS

Dra. DENISE GROSSO DA FONSECA

RESUMO

O presente estudo apresenta um recorte de minha tese de doutorado que buscou compreender as implicações do ENADE – Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes nos processos avaliativos de um curso de Educação Física. A metodologia utilizada na pesquisa é de natureza qualitativa, através da análise de documentos e entrevistas semi-estruturadas, individuais e grupais, realizadas com professores e alunos do Curso estudado. Neste trabalho a discussão será feita a partir da análise da entrevista grupo focal realizada com os alunos, com a intenção de destacar a visão deste segmento, por ocasião do evento, bem como também, refletir sobre a metodologia – grupo focal utilizada e sua pertinência no processo investigativo em foco. Os elementos coletados evidenciaram crítica ao ranqueamento e levaram a uma análise didático-pedagógica, sugerida pelos próprios dados, indicando que houve mudanças significativas na metodologia das aulas e na diversificação das estratégias de avaliação, mas que esse movimento não se manteve com a mesma intensidade por muito tempo. As constatações referidas permitem concluir que houve implicações das políticas públicas nas ações institucionais e docentes, e que estas precisam ser constantemente revisadas e realimentadas.

Palavras-Chave: Avaliação institucional. Avaliação educacional. Ensino superior.

ABSTRACT

This study presents part of my PhD thesis which aims to understand the implications of ENADE - National Examination of Student Performance in the evaluation processes of a Physical Education course. The methodology of the research is qualitative in nature, through analysis of documents and semi-structured individual and group interviews, conducted with teachers and students of study. In this paper the discussion will be made from the analysis of focus group interviews conducted with students, with the intention of highlighting the vision for this segment at the event and also to look into the methodology - focus groups used and their relevance in the process investigative focus. The evidence collected showed critical to ranking and led to a didactic-pedagogical analysis, suggested by the data itself, indicating that significant changes in classroom methodology and diversification strategies to evaluate, but that movement was not maintained with the same intensity for long. The findings referred to the conclusion that there were implications in public policy and institutional actions teachers, and that these need to be constantly reviewed and fed back.



Key Words: *Institutional evaluation. Educational evaluation. Higher Education.*

RESUMEN

Este estudio presenta una parte de mi tesis doctoral cuyo objetivo es entender las implicaciones de ENADE - Examen Nacional de Desempeño de los Estudiantes en los procesos de evaluación de un curso de Educación Física. La metodología de la investigación es de naturaleza cualitativa, a través del análisis de los documentos e entrevistas individuales semiestructuradas y entrevistas en grupo, realizado con profesores y alumnos. En este trabajo la discusión se hará a partir del análisis de entrevistas a grupos focales realizados con los estudiantes, con la intención de destacar la visión de este segmento en el evento y también para examinar la metodología - grupos de enfoque utilizado y su relevancia en el proceso de investigación. Los datos recogidos mostraron críticos a la clasificación y dio lugar a un análisis didáctico-pedagógico, sugerida por los datos en sí, lo que indica que los cambios significativos en las estrategias de metodología de aula y la diversificación de evaluar, pero ese movimiento no se mantuvo con la misma intensidad de largo. Los resultados que se refiere a la conclusión de que había implicaciones en las políticas públicas y los maestros acciones institucionales, y que estos deben ser constantemente revisados y retroalimenta.

Palabras Claves: *Evaluación Institucional. Evaluación Educacional. Enseñanza superior*

MOVIMENTO INICIAL

A participação do curso de Educação Física na primeira edição do ENADE- Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes, em 2004, coincidiu com minha passagem pela coordenação de um curso, gestão desenvolvida de 2003 a 2006 e com a entrada no programa de Pós - Graduação em Educação da UNISINOS para realização do curso de Doutorado. A proposta desse exame como parte do SINAES – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - se configurou numa questão de pesquisa, dadas as possibilidades de investigar o movimento decorrente da nova política de avaliação institucional implantada e a dinâmica dos processos avaliativos do curso mencionado.

A hipótese defendida neste trabalho foi de que há implicação das políticas públicas educacionais na configuração das políticas e ações institucionais. Logo, o ENADE implicaria mudanças substanciais nas práticas avaliativas do curso de Educação Física do IPA. Em que direção estas mudanças se dariam (se dão), em que perspectiva e profundidade, foi o que pretendi compreender ao longo desta investigação.

O estudo buscou, no movimento hermenêutico¹, compreender as relações entre o todo e a parte, respectivamente, a Avaliação **da** Instituição e a Avaliação **na** Instituição. A parte e o todo podem ser entendidos de muitas formas, mas, neste caso, a parte é o aspecto da avaliação do processo de ensino-aprendizagem, nas suas diversas dimensões, e o todo, o próprio ENADE, uma vez que compõe a Avaliação Institucional, processo avaliativo mais amplo no contexto do SINAES.

¹ Para Gadamer (2000), a hermenêutica indica que tudo deve ser entendido a partir do individual, e o individual desde o todo, evidenciando uma relação circular. O movimento de compreensão transita entre o todo, a parte e novamente o todo.



A metodologia central utilizada na pesquisa é de natureza qualitativa através da análise de documentos e entrevistas semi-estruturadas, individuais e grupais, realizadas com professores e alunos do referido Curso. Neste trabalho a discussão será feita a partir da análise da entrevista grupo focal realizada com os alunos, com a intenção de destacar a visão deste segmento, por ocasião do evento, bem como também, refletir sobre a metodologia – grupo focal utilizada e sua pertinência no processo investigativo em foco.

Segundo Triviños (2001), a pesquisa qualitativa começa a ser sistematizada na década de 60, início da década de 70 do século passado, mas só a partir de 1980 atinge um nível de igualdade com a pesquisa quantitativa. Para esse autor, a pesquisa qualitativa trabalha de modo especial com pessoas consideradas criativas, originais, cujas experiências devem ser compartilhadas e não vistas como meros objetos de investigação.

Para Molina Neto (1999), a pesquisa qualitativa caracteriza-se por uma série de procedimentos hermenêuticos que se propõem a descrever e interpretar as representações e os significados que determinado grupo social dá à sua experiência cotidiana. Neste caso, vou tratar da experiência avaliativa de um curso, utilizando dados coletados somente através da entrevista focal com um grupo de alunos que realizaram a prova do ENADE em 2004 como ingressantes e que concluíram o curso em 2007/01 e 2007/02.

A entrevista grupo focal, ou grupo de discussão, segundo Guimarães (2006), é uma estratégia investigativa semelhante a uma entrevista coletiva que objetiva explorar um foco para coleta de dados, com ênfase não nas pessoas individualmente, “mas no indivíduo enquanto componente de um grupo (p.157)”. Constitui-se num processo que permite não só a coleta de informações significativas, como também a análise das reações e conflitos ocorridos diante de possíveis posições divergentes entre os componentes do grupo. É um procedimento muito vinculado a abordagens qualitativas de pesquisa. A opção pelos alunos formandos de 2007 se deveu ao fato de terem realizado a prova como iniciantes em 2004 e, portanto, terem vivenciado a experiência do ENADE em sua totalidade: o antes, entendido aqui como o processo de preparação para a prova, o durante, a prova em si e o depois, as atividades desenvolvidas no curso, a partir da participação no exame. Além do mais, a condição de formandos, é um indicador de que já vivenciaram quase toda sua formação, podendo ter uma maior visão do curso.

Ao serem questionados sobre lembranças da experiência de realização da prova, bem como sobre o trabalho dos professores e importância do ENADE, os alunos trouxeram para análise um pouco do que pensaram, sentiram, enfim experimentaram ao realizarem a prova e, posteriormente, enquanto discentes do curso de educação física do IPA.

É importante colocar que diante do período que ficou entre a realização da prova - novembro de 2004 e a realização da entrevista - maio de 2007, muito tempo passou. Tempo que entendi necessário para que os processos de caminhada do curso estivessem em andamento, com possibilidades de serem mais bem avaliados. Esse aspecto fez com que no início da entrevista os alunos se mostrassem um pouco distantes e até “esquecidos” daquele acontecimento. Ao serem indagados sobre o que se lembravam do ENADE, as manifestações iniciais se mostraram um tanto vagas, como se estivessem recordando enquanto falavam. Era como se estivessem pensando alto.

Dep.1- Eu lembro que foi uma prova que a gente tinha que discutir, que a gente tinha que escolher entre licenciatura ou bacharelado eu acho que eram algumas questões do curso,



mas como era muito recente que a gente tinha ingressado, tinha algumas coisas que a gente não conseguia, não sabia ou ficava em dúvida para responder.

Dep.3- Era mais ou menos....o que eu me lembro que era para ver o desempenho dos estudantes conforme, segundo o seu curso...

Mas aos poucos, à medida que falavam também iam exercitando a memória e as idéias se tornavam mais claras.

É possível perceber a pertinência do grupo focal como estratégia de coleta de dados, naquele momento, na circunstância do estudo. A possibilidade de troca entre os alunos foi ajudando a compor um quadro de idéias que aos poucos foi tomando forma através dos pontos mais marcantes evidenciados nas respostas dadas. Os dados coletados levaram a uma análise didático-pedagógica, sugerida pelos próprios dados. Essa análise será descrita, interpretada e discutida através dos dois grandes polos deste estudo: a avaliação **da** instituição e a avaliação **na** instituição.

AValiação da Instituição

Este polo repito, se refere à análise dos elementos relacionados ao ENADE, um dos pilares do SINAES. Ao serem questionados sobre o que lembravam e qual a sua percepção sobre o evento, dentre os aspectos mencionados destacaram-se o **ranqueamento** e a **importância** da prova.

O **ranqueamento** foi um dos aspectos que chamou a atenção dos alunos. Houve crítica a respeito do destaque dado aos resultados por parte dos professores do curso, evidenciando que mesmo não sendo propósito do SINAES, desencadear um ranqueamento entre instituições, tal situação ocorreu, sendo percebida pelos alunos.

Dep.5- Eu não gostei muito. Eles expuseram muito os resultados. Falavam: a UFRGS, ficou em tal lugar...o IPA ficou em tal lugar...

Limana e Brito (2005), comentam que nas décadas de 60 e 70 do século passado, as pesquisas sobre progressos educacionais se apoiavam em critérios quantitativos usando valores absolutos e padronizados, para ordenação das escolas através de listas que evidenciavam a posição dos cursos em um “*rank*” como foi o caso do ENC – Exame Nacional de Cursos – o Provão. Nos debates realizados a partir da edição do ENADE, 2004, houve muita polêmica a respeito dessa questão, uma vez que a atribuição e publicação de notas de 1 a 5, aos cursos, e, também a forma como foi feita, sem explicitar o processo como um todo, favoreceu uma leitura classificatória dos resultados e uma possível utilização mercadológica desses dados.

Na divulgação, é importante que esteja claro que o ENADE é uma parte de um processo maior que é o SINAES. Acho que faltou isso na divulgação que saiu, quando a imprensa



jogou de forma direta, o ‘*ranking*’. Nós temos que mostrar que possuímos o resultado de uma prova que foi feita, mas que esta pontuação vai contar com 20% de um processo maior e que está gerando outras pontuações. [...] Acho que foi isso que faltou nessa divulgação. Não se pode esquecer isso na hora de divulgar os próximos relatórios. [...] É importante colocar que o ENADE é parte do SINAES, então, vamos ter essa ótica ao olhar os resultados (Coutinho, p. 173, in Limana e Britto, 2006).

A respeito do ranqueamento, Cunha (2005), faz uma consistente crítica ao modelo avaliativo que sustentava o ENC, Provão, instituído pela Lei n 9.131/95 e implantado em 1996, durante o governo Fernando Henrique Cardoso. A vertente balizadora da avaliação universitária ali implantada era de orientação técnica, de natureza somativa, e apoiada em valores como produtividade, eficiência, certeza e predição com função de controle. “Nessa orientação paradigmática, estariam os estudos reputacionais, conhecidos como *ranking*, conduzidos por grupos externos à universidade e o uso de indicadores quantitativos (p.21)”. A autora destaca que a política da época, reforçava os mecanismos de controle pela avaliação.

Ao contrário, a política de avaliação implantada através do SINAES, se sustenta num marco emancipatório e formativo. Mesmo assim alguns fatos e a forma como os resultados são divulgados dão margem a que se façam leituras reduzidas à dimensão quantitativa que possibilitam a hierarquização. Mesmo considerando a inevitabilidade dessa situação, cabe às Instituições de Ensino Superior, IES e aos cursos, fazerem uma análise aprofundada e rigorosa de todos os dados disponibilizados no relatório, e, considerar que o ENADE é parte do SINAES, representando uma parcela de todo um processo que precisa ser visto de forma mais global, o que pode permitir uma análise mais qualitativa.

A par desses aspectos, documentos emitidos em anos posteriores, evidenciam uma possível mudança de rumo nas orientações do processo de avaliação da Educação Superior, fato que tem gerado críticas ao serem apontadas controvérsias entre a concepção e a operacionalização do SINAES.

Uma das questões identificadas se encontra no Art. 1º, § 2º da Lei 11.552/2007, que trata do FIES- Financiamento da Educação Superior:

São considerados cursos de graduação, com avaliação positiva, aqueles que, nos termos do SINAES, obtiverem conceito maior ou igual a três no ENADE, de que trata a Lei 10.861, de 14 de abril de 2004, gradativamente e em consonância com a sua implementação. Os cursos que não atingirem a média referida no § 2º deste artigo ficarão desvinculados do Fies até a avaliação seguinte, sem prejuízo para o aluno financiado.

Temos uma legislação que desconsidera ou contradiz um importante princípio do SINAES que é a globalidade como forma de garantir a visão de totalidade do sistema, sem perder a idéia de integração das partes.

Outro aspecto que contradiz a versão inicial do SINAES foi a criação do CPC- Conceito Preliminar de Curso - através da Normativa nº4 de 05/08/2008, que dispensa da avaliação *in loco*, os cursos que obtiverem conceito, igual ou superior a 3,0 no ENADE. Também o IGC, Índice Geral de Cursos, criado pela normativa nº12/09/2008 que passa a considerar o CPC como um dos elementos da



avaliação dos cursos. A criação desses novos dispositivos de avaliação poderiam ser aceitos como aspectos da dinamicidade do processo de avaliação institucional, mas é inegável que os mecanismos utilizados afastam o sistema do eixo que norteou a Lei 10861/04, desconsiderando a importância dos três pilares do SINAES - a avaliação das instituições, a avaliação dos curso e a avaliação do desempenho dos estudantes, supervalorizando este último elemento, tomando o rumo da quantificação e do ranqueamento.

Com relação ao objetivo deste estudo de verificar como os alunos percebem a política de avaliação externa, através do ENADE, os discentes interlocutores falam sobre **a importância da prova** e expressam sua visão sobre esse evento avaliativo.

Dep.1- Eu acho muito interessante é até uma auto-avaliação. Eu estou valorizando o que estou aprendendo dentro da faculdade, ...

Dep.6- Eu acho que para o aluno iniciante serve até de auxílio para os estudos. Traz o nível que o aluno vem de fora da escola para a faculdade. E para quem está se formando, o que pode melhorar e se não melhorar, o nível que ele está saindo daqui, não é?

Dep.2- Daí que eu acho que o ENADE tem que servir para qualificar o estudo, para que a Instituição faça valer a pena...

Há uma percepção de que o exame permite uma auto-avaliação e possibilita a busca da qualificação do aluno e do curso. Essas falas indicam que os alunos tem a noção da importância do ENADE, ao encontro dos objetivos e propósitos do SINAES. Esse entendimento parece haver sido construído ao longo da própria entrevista, evidenciando que a estratégia, vai ajudando os participantes a compreenderem e melhor se apropriarem de algumas questões colocadas no debate.

No que se refere a auto-avaliação e qualificação dos alunos, quando se reflete sobre o processo de ensino-aprendizagem, a avaliação é parte integrante desse processo desde que vista sob a ótica de uma concepção formativa ou mediadora.

A avaliação formativa está, portanto, centrada essencial direta e indiretamente sobre a gestão das aprendizagens dos alunos (pelo professor e pelos interessados) (Bain, 1988b, p.24, apud Perrenoud, p.89, 1999). Essa concepção se situa abertamente na perspectiva de uma regulação intencional, cuja intenção seria determinar ao mesmo tempo o caminho já percorrido por cada um e aquele que resta percorrer com vistas a intervir para otimizar os processos de aprendizagem em curso (Perrenoud, 1999, p.89).



No que se refere à qualificação do curso, tal entendimento vem ao encontro das intenções do ENADE que prevê a devolução dos resultados às instituições com a perspectiva de subsidiar o acompanhamento de seus processos pedagógicos tendo em vista seu aperfeiçoamento e qualificação.

O relatório do ENADE - 2004, recebido pelos cursos, é apresentado com uma introdução que destaca esse aspecto no processo do SINAES:

Embora cientes das limitações do instrumento enquanto mecanismo de avaliação de curso, estamos convencidos de que os dados gerados, tanto no que tange aos resultados da prova quanto à opinião dos alunos, podem ser bastante úteis para orientar as ações pedagógicas e administrativas da instituição e do curso, uma vez que contribuem significativamente para uma reflexão interna com vistas à melhoria da qualidade do ensino de graduação.(BRASIL, 2004, p.2).

AValiação na Instituição

Com relação à avaliação na instituição, compreendendo a visão dos alunos sobre implicações do ENADE na avaliação do processo de ensino-aprendizagem que ocorre em situações formais de aula, os alunos mencionam aspectos significativos relacionados a novas formas de trabalho e avaliação, os quais passaremos a discutir através de categorias que estarão em destaque ao longo do texto.

Assim, ao serem questionados sobre a influência do ENADE no curso, os alunos citam a preocupação dos professores com a fundamentação teórica de suas disciplinas, com leituras e realização de trabalhos que exigissem mais análise, interpretação, síntese, produção textual, desenvolvimento de habilidades de expressão oral, sendo que a elaboração de resenhas foi um dos instrumentos mais comentados pelos alunos. Ou seja, o ENADE, traz uma implicação na **metodologia das aulas**.

Dep.6- Só na questão de mais teoria. No meu ver não tinha tanta teoria no curso, não havia tanta pressão, o aluno não precisaria ler muito. Depois deste teste passou a ter mais teoria no curso, em várias cadeiras, inclusive nas práticas. Muita teoria, muito artigo para ler, muito trabalho, muitas resenhas.

Dep.5- Tinha as cadeiras de Voleibol e Basquete, cadeiras práticas, mas todas elas pediam esses trabalhos.

Os alunos perceberam a intensificação de atividades que envolvem leitura, maior preocupação com conteúdo teórico, mesmo dos professores de disciplinas de práticas corporais. Segundo Marques (2006), “devemos conceber o papel da teoria no escrever não como o de algo a ser confirmado ou negado, mas como provocação de um horizonte mais vasto, como o descortinar da imaginação levando à aventura de novas hipóteses e novos caminhos(p.59).”



IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

Dep. 3- Logo depois do ENADE, os professores tentaram mudar com a questão das resenhas. O aluno precisava escrever, precisava ler mais, precisava ter uma oralidade melhor.

Após a análise do relatório com os resultados do ENADE, houve uma preocupação da coordenação do curso, em mobilizar o grupo de professores para um trabalho que contemplasse o desenvolvimento de competências exigidas na prova e também a melhor qualificação da formação que estava sendo oferecida para os acadêmicos, tendo em vista as novas diretrizes curriculares. Em reuniões realizadas em julho de 2005, foram propostas algumas ações que deveriam desencadear estratégias de trabalho que contemplassem as habilidades necessárias para a qualificação dos processos de leitura e escrita.

Para Hoffmann (2001), “a fala, a escrita, e toda a forma de expressão é manifestação do pensamento. [...] ao expressar-se o aluno reorganiza suas idéias. A expressão do pensamento é, portanto fator essencialmente construtivo e reflexivo. (p.166)”. Os professores, como os alunos referem, parecem realmente buscar o desenvolvimento do processo subjacente ao ato de escrever, a reorganização do pensamento, o refino das habilidades e competências necessárias para que se produza um texto, com clareza e sentido. Algo que não seja cópia ou reprodução, mas “escrever como provocação ao pensar, como o suave deslizar da reflexão, como a busca do aprender, princípio da investigação (Marques, 2006, p.28).”

Percebe-se, na fala dos alunos, uma preocupação com a elaboração e aplicação de aulas, e com **a relação teoria e prática** desde a vivência de aulas ministradas pelos professores.

Dep.3- Havia trabalhos de produção de aulas nas disciplinas práticas. A maioria das aulas começam a relacionar teoria e prática. A própria aula tinha elementos da prática relacionada à teoria.

Segundo Shigunov (2002), a dicotomia teoria e prática historicamente tem sido discutida em todas as áreas do conhecimento, fato que o motiva a discuti-la no âmbito do ensino da Educação Física. Comenta a permanência desse conflito a partir de duas visões que o tem reforçado: a visão clássica que defende a contemplação do conhecimento teórico como raciocínio correto e a ciência moderna que superestimou a ciência e a técnica sem, contudo, fazer uma síntese dos polos que as compreendem.

Não tendo realizado a síntese, a ciência esqueceu-se do homem – protagonista do conhecimento e da ação, perdendo, assim, o domínio da sua criação: o complexo ciência-tecnologia. Talvez para obter o que foi perdido seria preciso pedir auxílio à filosofia, através das suas interpretações e críticas e redescobrir o homem que o mecanicismo escondeu e a tecnologia robotizou (SHIGUNOV, 2002, p.73).

Nesse sentido, destaco que a evolução desse campo de estudo – a Educação Física, tem



evidenciado, ao longo dos anos, movimentos no sentido de superar, dentre outros, os dualismos corpo-mente e teoria-prática, indicando uma tomada de posição que contemple um trabalho mais integrador, mais reflexivo. Um trabalho em que o objeto de estudo e intervenção pedagógica, o movimento corporal humano não se descaracterize enquanto tal, mas que seja olhado, percebido e vivenciado, numa ação integrada e integradora, resgatando a unidade do ser humano em sua inteireza e as possibilidades de interação no contexto sócio, histórico e cultural.

Ainda com relação a mudanças na metodologia das aulas, os alunos observam que houve a intenção de tornar **o ensino mais desafiador**, através de uma participação mais ativa e crítica, por parte dos alunos, ou seja,

Dep.3- mudou a estrutura metodológicas das aulas no sentido de tornar o aluno mais crítico, quando o prof. coloca: - vamos fazer resenhas críticas...

Demo (2004), ao discutir o ensino na universidade, faz uma análise da aula, criticando o modelo reprodutivo onde o aluno deve reproduzir o que já é algo reproduzido, ocorrendo de fora para dentro, de cima para baixo, colocando o aluno na condição de objeto através de atividades tradicionais de escutar com atenção, tomar nota, memorizar e devolver na prova, com precisão. Algo como o que é comentado por um aluno, ao se referir às aulas de anatomia:

Dep. 3- O aluno na realidade tem que decorar. Não tem outro mecanismo que faça aprender esses conteúdos

Entretanto em consonância com as falas anteriores, Demo (2004), destaca a aula como expressão autopoietica² como processo reconstrutivo político que conclama o aluno a participar de maneira também reconstrutiva, política, possibilitando através de um processo dinâmico e não linear a construção de sua autonomia. Para este autor,

o importante não é a aula expositiva, mas os processos de pesquisa e elaboração própria dos alunos, sob orientação e avaliação dos professores. As grandes aulas expositivas podem ser muito úteis como informação, comunicação, apresentação, mas nunca substituem as atividades autopoieticas da aprendizagem reconstrutiva política (p.68).

Mesmo com a crítica que faz ao modelo da aula expositiva, Demo (2004) coloca que nem sempre essa aula é reprodutiva, trazendo como contraponto princípios da biologia e da hermenêutica que levam a considerar o ser humano como ente autopoietico e hermenêutico e nesta perspectiva refere que a

² Segundo Boff, 1998, p.169, autopoiese é um termo derivado do grego para designar o processo evolutivo que é autocriativo e auto-organizativo.



exposição pode ser provocativa e desafiadora dinamizando o saber pensar e desta forma não reduzindo o aluno a mero objeto de reprodução, próprio da relação instrucionista.

Sobre **a avaliação**, os alunos fazem referência às alterações nos modos de avaliar, utilizados pelos professores, levando a pensar que de certa forma houve um uso exagerado de uma estratégia de trabalho, no caso a **resenha**.

Dep.4- É aquilo que a gente falou muitos trabalhos teóricos, chegamos a fazer três resenhas por cadeira

De acordo com Marconi e Lakatos (2001), "a resenha em geral é elaborada por cientistas que, além do conhecimento sobre o assunto, têm capacidade de juízo crítico. Também pode ser feita por estudantes; neste caso, como um exercício de compreensão e crítica" (p.90). Esta estratégia, portanto, ao desafiar o exercício de análise, síntese e crítica, cumpre um papel significativo na busca da concretização dos objetivos de ensino.

Outro aluno faz referência a possibilidade de trocas a partir de **trabalhos em grupo**.

Dep.6-Há trabalhos que proporcionavam trocas. Resenhas realizadas em grupo, com uma nota de produção escrita em grupo e a apresentação oral com uma nota individual.

Para Veiga (1991), o ensino socializado em sala de aula, ou trabalho em grupo, começa a ser utilizado no movimento da Escola Nova, mais especificamente, por influência dos psicólogos sociais que estudavam dinâmicas de grupo.

No campo da Didática, sob o enfoque crítico, o ensino socializado é centralizado na ação intelectual do aluno sobre o objeto da aprendizagem por meio da cooperação entre os grupos de trabalho, da diretividade do professor, não só com a finalidade de facilitar a aprendizagem mas, também, para tornar o ensino mais crítico (explicitação das contradições) e criativo (expressão elaborada). Nesse sentido, tanto o professor quanto o aluno deixam de ser sujeitos passivos para se transformar em sujeitos ativos, capazes de propor ações coerentes que propiciem a superação das dificuldades detectadas (Veiga, 1991, p. 104).

Para a autora, três princípios sustentam teoricamente o ensino socializado. O primeiro, se apoia no campo da psicologia, onde a noção de grupo está relacionada a questões afetivas e de interação. Diz respeito à natureza inerente ao homem de necessitar interagir com o outro. No aspecto educacional, a interação possibilitará uma influência recíproca entre os participantes do grupo, que aprenderão não apenas com o professor, mas através das trocas de conhecimentos, sentimentos e emoções com os outros.



O segundo princípio, diz respeito ao campo sociológico, cuja premissa é de que professores e alunos são seres contextualizados, que mesmo considerados em suas individualidades, não podem ser vistos isolados de suas condições históricas, sociais, econômicas e culturais. Portanto, as relações que se estabelecem são marcadas pelas contradições sociais, o que reforça a importância da intervenção do professor para que o processo de aprendizagem se concretize.

O terceiro princípio decorre dos dois primeiros, e implica na interação entre professor e aluno na busca de uma compreensão mais crítica da realidade social. Supõe uma dinâmica em que ambos são sujeitos do processo, sem abrir mão da autoridade do primeiro que atua como elemento que faz as intervenções com intencionalidade pedagógica em direção à construção da autonomia e independência do segundo. “É a premissa voltada para o campo político-pedagógico que abre espaço para a democracia das relações na sala de aula (VEIGA, 1991, p. 106)”.

Ainda com relação à estratégia de trabalhos em grupo, Anastasiou e Alves (2004), destacam que “a aprendizagem é um ato social necessitando da mediação do outro, como facilitador do processo (p.75). Lembram que o que caracteriza o grupo, não é a simples junção de pessoas, mas a relação inter e intrapessoal, que possibilita o desenvolvimento da inteligência relacional.

O uso de seminários, também é citado como metodologia diferenciada. Há indicativo de que os modos de avaliar encaminham o aluno para um processo mais instigante, mais ativo, de busca e produção de conhecimento.

Dep.6- no início, antes do ENADE, o instrumento era a prova escrita. Depois do ENADE chegou-se que o aluno deveria produzir coisas sozinho, trabalhos, discussão em grupo, seminários. Começam a instigar o aluno a produzir conhecimento.

A menção dos alunos ao uso de **seminários** nas aulas reforça a presença de variados procedimentos avaliativos. Veiga (1991) desenvolve estudo sobre seminário, onde apresenta aspectos significativos para análise dessa estratégia de ensino-aprendizagem-avaliação. Inicialmente aborda a etimologia da palavra seminário, que se origina do latim *seminariu*, significando viveiro de plantas onde se fazem as sementeiras, decorrendo daí a idéia de que essa estratégia visa semear idéias ou favorecer sua germinação.

Coloca que os primeiros estudos que visaram analisar a importância técnica do seminário foram marcados pela crítica, quanto à preparação e forma de apresentação. Nessa análise cita Balzan (1980) que ao discutir tal inovação educacional, aponta alguns equívocos que tornam o seminário uma aula expositiva dada pelos alunos, indicando o monólogo que muitas vezes se estabelece, substituindo o professor pelo aluno. Outros equívocos apontados se referem à extrema divisão do trabalho, que muitas vezes resulta na descontinuidade e ausência de integração do tema e a superficialidade com que o assunto é abordado. Nessa perspectiva, menciona estudos feitos com professores e alunos de diferentes licenciaturas onde alguns alunos dizem que não há uma boa preparação por parte dos mesmos, tornando o assunto superficial, fazendo com que quem não leu não tenha condições de aprender.



A partir dessa crítica a autora destaca que os alunos estão percebendo a importância de sua participação, como elementos ativos e críticos, cabendo ao professor, conduzir o seminário de formas a problematizar, encaminhar discussões, conclusões, enfim, conduzir o trabalho.

A análise didática dessa estratégia revela sua importância desde que bem conduzida, o que parece ser reconhecido pelo aluno já citado, ao comentar que as diferentes estratégias citadas, dentre as quais o seminário “*Começam a instigar o aluno a produzir conhecimento.*”

Também a **prova** é citada, como trabalho avaliativo, mas não como único instrumento utilizado.

Dep.3- Existem outros meios de avaliação. A prova é um complemento. A prova é significativa. Tem aspectos relevantes, mas tem todo um aspecto de ansiedade que pode interferir.

Demo (2004), analisa o processo avaliativo através de provas ou de outros instrumentos, indicando que “se queremos avaliar o saber pensar, temos que buscar outros indicadores de aprendizagem, em particular aqueles que correspondem à dinâmica complexa não linear da aprendizagem reconstrutiva e do conhecimento disruptivo³ (p.128).” Comenta que não se trata de apenas evitar a prova, mas buscar alternativas que desafiem a inteligência adotando estratégias que visem a elaboração individual e coletiva. Hoffmann(1991), também se posiciona a respeito da realização de provas colocando que quando se discute a respeito desse instrumento de avaliação e quando se pretende romper com uma avaliação tradicional, o que se deve levar em conta é que esse não seja o único instrumento a ser utilizado e também o como ele é elaborado,

Além das categorias relacionadas aos instrumentos de avaliação, os alunos fazem referência a critérios, destacadamente a forma de expressão do aproveitamento dos alunos através **da nota**.

Dep. 6- Toda a aula tem um trabalho e conta como nota para a média final.

Com relação às notas, citadas como critério de avaliação dos trabalhos tanto individuais como coletivos, Luckesi (1998), discute-as com relação à forma como são tratadas, muitas vezes, como se não tivessem nada a ver com a aprendizagem. Quando se restringem a simples relação numérica, substituindo a relação professor-aluno, com vistas ao melhor aproveitamento, reduzindo o processo de ensino-aprendizagem, à questão de aprovação ou reprovação. Assinala ainda o risco de que a nota passe a ser a divindade adorada tanto pelo professor como pelos alunos.

O professor adora-as quando são baixas, por mostrar sua ‘lisura’(‘não aprovo de graça; sou durão’); por mostrar o seu ‘poder’ (‘não aprovo qualquer aluno e de qualquer jeito’).

³ Segundo Demo (2004), entende-se por conhecimento ‘disruptivo’, aquele rompedor, rebelde, capaz de confrontar, questionar, desconstruir. Cita a ‘teoria crítica’ (Freitag, 1986;Torres, 2003), onde conhecer é questionar, não apenas constatar, verificar, afirmar.



O aluno, por outro lado, está à procura do ‘Santo Graal’ – a nota. Ele precisa dela, não importa se ela expressa ou não a aprendizagem satisfatória; ele quer a nota. Faz contas e médias para verificar a sua situação. É a nota que domina tudo; é em função dela que se vive na prática escolar. (LUCKESI, 1998, p.24)

Entretanto, para Demo (2004), o problema maior não está em atribuir notas ou conceitos, mas ao uso que se faz destes elementos.

A nota não precisa, necessariamente, ‘quantificar’ o aluno ou reduzi-lo a uma referência numérica. Quando aplico a nota dois a um aluno, disto não segue outra coisa que não seja o compromisso tanto mais urgente de cuidar dele religiosamente. Não reduzo o aluno ao número dois, mas indico quantitativamente uma dinâmica qualitativa, marcada pela baixíssima aprendizagem. A nota pode ser, assim, indicador indireto de qualidade (p.51).

Ainda para esse autor, “o aluno precisa saber que não está aprendendo bem, para daí retirar a lição de como aprender melhor” (p.117). Trata-se de entender as razões do mau desempenho e apresentar apoio para resgatar oportunidades, num esforço que demanda habilidade pedagógica para lidar com dificuldades de aprendizagem dos alunos.

As posições dos diferentes autores contrapõem distintos entendimentos sobre o significado da nota, podendo a mesma evidenciar uma visão quantitativa, relacionada à concepção tradicional de avaliação ou uma visão mais formativa e mediadora do processo avaliativo. Na fala do aluno, citada a seguir, é possível verificar que o mesmo identifica a presença de diferentes concepções por parte dos seus professores. Chama atenção a relação feita pelo aluno sobre métodos mais quantitativos ou qualitativos, levando a pensar que os primeiros estariam mais ligados ao produto da aprendizagem e os segundos ao processo.

(Dep. 6) Uns são mais qualitativos e outros mais quantitativos. Por exemplo: os quali estão mais preocupados com o processo desenvolvido. O aluno vai construindo a nota ao longo do semestre...

A par destas questões comentadas que evidenciam indícios de uma possível ruptura com um modelo didático-pedagógico mais tradicional e tecnicista, decorrente da participação no ENADE, onde a prática docente passa a contemplar estratégias de ensino e avaliação mais reflexivas, integradas e diversificadas os alunos também colocam que esse **movimento foi transitório**, não tendo se sustentado por muito tempo.



Dep.3-eu acho que a instituição teve um movimento dos professores, mas isso não se sustentou, esse processo de avaliação foi se perdendo. Eu não acho que tenha sido ruim acho que foi uma coisa bem produtiva, mas passageira..

Dep 2- É uma pena que foi passageira.

Essas falas remetem à interpretação de que houve um movimento didático pedagógico que não se manteve com a mesma intensidade, e que os alunos valorizaram a intensificação dos trabalhos mais exigentes, reconhecendo a importância dessa dinâmica para sua formação e, de alguma forma, reivindicam a sua permanência.

MOVIMENTO FINAL

A realização do estudo cujo objetivo era verificar as influências do ENADE nos processos avaliativos de um curso de educação física permitiu constatar, num primeiro plano, a crítica feita ao ranqueamento, elemento contraditório no contexto do SINAES. Além desse aspecto, as falas dos alunos, referem que houve mudanças significativas na metodologia das aulas e na diversificação das estratégias de avaliação. Evidenciam que houve um movimento de qualificação dos processos didático pedagógicos, no sentido de aulas mais reflexivas, com maior aporte de conhecimentos teóricos e com maior aproximação entre teoria e prática; de avanços na avaliação, com a diversificação de instrumentos avaliativos e implementação de critérios mais qualitativos. Entretanto, o estudo indica que esse movimento não se manteve por muito tempo com a mesma intensidade, fato lamentado pelos alunos.

A necessidade de compreender os diversos elementos metodológicos citados durante a entrevista, encaminhou uma importante análise didático- pedagógica, permitindo resgatar diferentes procedimentos que permeiam e sustentam a prática docente, constituindo-se no marco referencial deste recorte do estudo.

As constatações referidas permitem concluir que houve implicações das políticas públicas nas ações institucionais e docentes, mas que estas precisam ser constantemente revisadas e realimentadas.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. G.C e ALVES, L.P. Processos de ensinagem na universidade: pressupostos e estratégias de trabalho em aula. 3ª ed. Joinville, SC, 2004.

BOFF, Leonardo. O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BRASIL. Diretoria de Estatísticas e Avaliação da Educação Superior - DAES. *Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior, Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes*. Brasília, MEC, documento elaborado em 18/06/2004.



_____. Lei 11.552/19/11/20 <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/ anotada/2380398/art-1-da-lei-11552-07>. Consulta em 08/03/2008.

_____. Portaria Normativa nº12 de 05/09/2008
http://www.inep.gov.br/download/superior/condicoesdeensino/PORTARIA_NORMATIVA_12.pdf.
Consulta em 16/04/2011.

_____. Portaria nº 4 de 5 de agosto de 2008.
http://www.inep.gov.br/download/superior/condicoesdeensino/Portaria_N_4_de_5_de_agosto_2008.pdf.
consulta em 16/04/2011.

CUNHA, MARIA Isabel (org) As políticas públicas de avaliação e docência: impactos e repercussões. In Formatos avaliativos e concepções de docência. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

DEMO, Pedro. *Universidade, Aprendizagem e Avaliação: horizontes reconstrutivos*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

GADAMER, Hans-Georg. *Sobre o círculo da compreensão*. In: ALMEIDA, Custódio Luís Silva de. *Hermenêutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

GUIMARÃES, Valter Soares. *O grupo focal e o conhecimento sobre identidade profissional dos professores*, in PIMENTA, Selma Garrido (org.) *Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetivos complexos*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HOFFMANN, Jussara. *Avaliação: mito e desafio. Uma perspectiva construtivista*. Porto Alegre: Mediação, 1991.

_____. *Avaliar para promover: as setas no caminho*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LIMANA, Amir; BRITO, Márcia Regina F. O modelo da avaliação dinâmica e o desenvolvimento de competências: algumas considerações a respeito do ENADE. In: *Rede de Avaliação Institucional da Educação Superior – RAIES – ano 10- v.10 – nº 2 – jun. 2005*.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico*. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARQUES, Mario Osório. *Escrever é preciso: o princípio da pesquisa*. 5ª ed. ver. Ijuí-RS, Brasília- DF: UNIJUÍ e INEP, 2006.

MOLINA NETO, V. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física. in: MOLINA NETO, V e TRIVIÑOS, A. *A pesquisa qualitativa na Educação Física*. Porto Alegre: Sulina; UFRGS, 1999.

PERRENOUD, P. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SHIGUNOV, Vitor; SHIGUNOV NETO, Alexandre (orgs.). *Educação Física: conhecimento teórico x prática pedagógica*. Porto Alegre: Mediação, 2002.



VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). *Técnicas de ensino: por que não?* Campinas, SP: Papirus, 1991.

Endereço: Rua Inhanduí, nº 685, Bairro Cristal, Porto Alegre – RS – CEP 90 820-170

E mail: dgf.ez@terra.com.br

Recurso tecnológico: equipamento multimídia

Dra. DENISE GROSSO DA FONSECA
Professora da Escola de Educação Física da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
E-mail: dgf.ez@terra.com.br